



Resenha: DUARTE, Claudio Monteiro. Iconographia Spiritualis: Arte paleocristã e simbolismo funerário em um fragmento tumular na Basílica de Santa Agnese fuori le mura em Roma - 370-440. Curitiba: Appris, 2022.

Rafael Scopacasa¹

O livro de Cláudio Monteiro Duarte é bem mais abrangente do que sugere a capa.

O fragmento tumular na igreja de *Santa Agnese fuori le mura* em Roma, sinalizado no título, é na verdade um ponto de partida para o autor discutir uma gama impressionante de temas, problemas, fontes e processos históricos, de Augusto até Constantino e da Itália até a Síria.

O livro é o fruto da tese de doutorado que Duarte desenvolveu no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a orientação do Prof. Dr. Magno Moraes Mello, e que foi defendida em 2016.

A Introdução (pp. 19-30) nos oferece uma descrição detalhada do fragmento tumular que dá nome ao livro. O artefato é entendido como parte de um sarcófago decorado tardo-antigo, que data provavelmente do século 4 d.C., e que foi posteriormente inserido no muro da igreja de Santa Agnese em Roma.

¹ Professor adjunto de História Antiga na Universidade de São Paulo.

Partindo de cada elemento visual representado nesse fragmento (a figura masculina barbada de pé, o livro-codex que essa figura ergue nas mãos, as cortinas que a emolduram, o cesto aos seus pés com rolos de pergaminho), Duarte nos conduz habilmente por discussões vastas e complexas, sobre o desenvolvimento histórico da iconografia e da religião cristãs no império romano, durante os primeiros quatro séculos da era comum, sobretudo dos séculos 3 e 4 d.C..

O primeiro capítulo mapeia criticamente a recepção do fragmento tumular de *Santa Agnese fuori le mura* pelos séculos até a modernidade – nas palavras do autor, trata-se de considerar a “fortuna crítica” do fragmento. Nesse percurso, destaque é dado para o trabalho dos antiquários italianos Antonio Bosio (1576 - 1629), Paolo Aringhi (1600 - 1676) e Giovanni Gaetano Bottari (1689 - 1775).

Em seguida, o capítulo 2 situa o fragmento de sarcófago de Santa Agnese no contexto dos sarcófagos antigos, tanto pagãos quanto cristãos. O capítulo 3 faz um movimento parecido, contextualizando as imagens representadas no fragmento de Santa Agnese (sobretudo a imagem da figura masculina barbada) no âmbito da discussão historiográfica sobre as representações imagéticas de Cristo nos primeiros séculos da era comum.

Duarte revela ter um ótimo domínio da bibliografia, tanto nos capítulos supracitados quanto no seguinte (capítulo 4), no qual ele parte para discussões de arianismo, monasticismo e, ao final, sobre as representações visuais de livros em forma de codex. O quinto capítulo, por sua vez, é dedicado a uma discussão panorâmica das representações de cortinas na arte figurativa da antiguidade tardia. A prontidão com que o autor transita por temas bastante diversos é perceptível.

Por fim, a obra de Duarte culmina numa conclusão intitulada “ensaio de interpretação”, onde o autor considera, brevemente, maneiras em que o fragmento mortuário de Santa Agnese poderia ser abordado como um documento histórico. Aqui, as dificuldades referentes à falta de dados contextuais sobre o fragmento representam sérios obstáculos, como o próprio autor enfatiza.

O livro de Duarte é uma contribuição valiosa para a historiografia sobre o desenvolvimento inicial da arte cristã. Estudantes de graduação e de pós-graduação com interesse na área encontrarão aqui uma apresentação completa e detalhada de temas e debates historiográficos relevantes. A interface com referências basilares na história da arte representa um atrativo adicional. A escrita acessível, e as ilustrações de alta qualidade, contribuem para fazer deste livro uma adição bem-vinda a bibliotecas universitárias.

Recebida em: 01/05/23 - Aceita em: 15/06/23